

300 ANOS DE ZUMBI

País tem 3.000 quilombos remanescentes

Estimativa é do governo federal, que instituiu comissão antropológica para contar comunidades

Um "chute" do governo federal estima em 3.000 o número de quilombos remanescentes espalhados pelo País. Não há uma estatística oficial, mas uma comissão da Fundação Palmares tenta contar o que sobrou das comunidades, auxiliada pela Associação Brasileira de Antropologia.

Só no Maranhão, conforme levantamento do Arquivo Estadual, existem 401 quilombos. Somando-se os maranhenses aos cerca de 200 mineiros, 300 baianos, outros tantos capixabas, goianos e paulistas, temos um respeitável eleitorado. Mas o contingente não tem sido suficiente para fazer valer uma lei aprovada na Constituinte, que obriga o governo a dar títulos de posse de terra a remanescentes de quilombos.

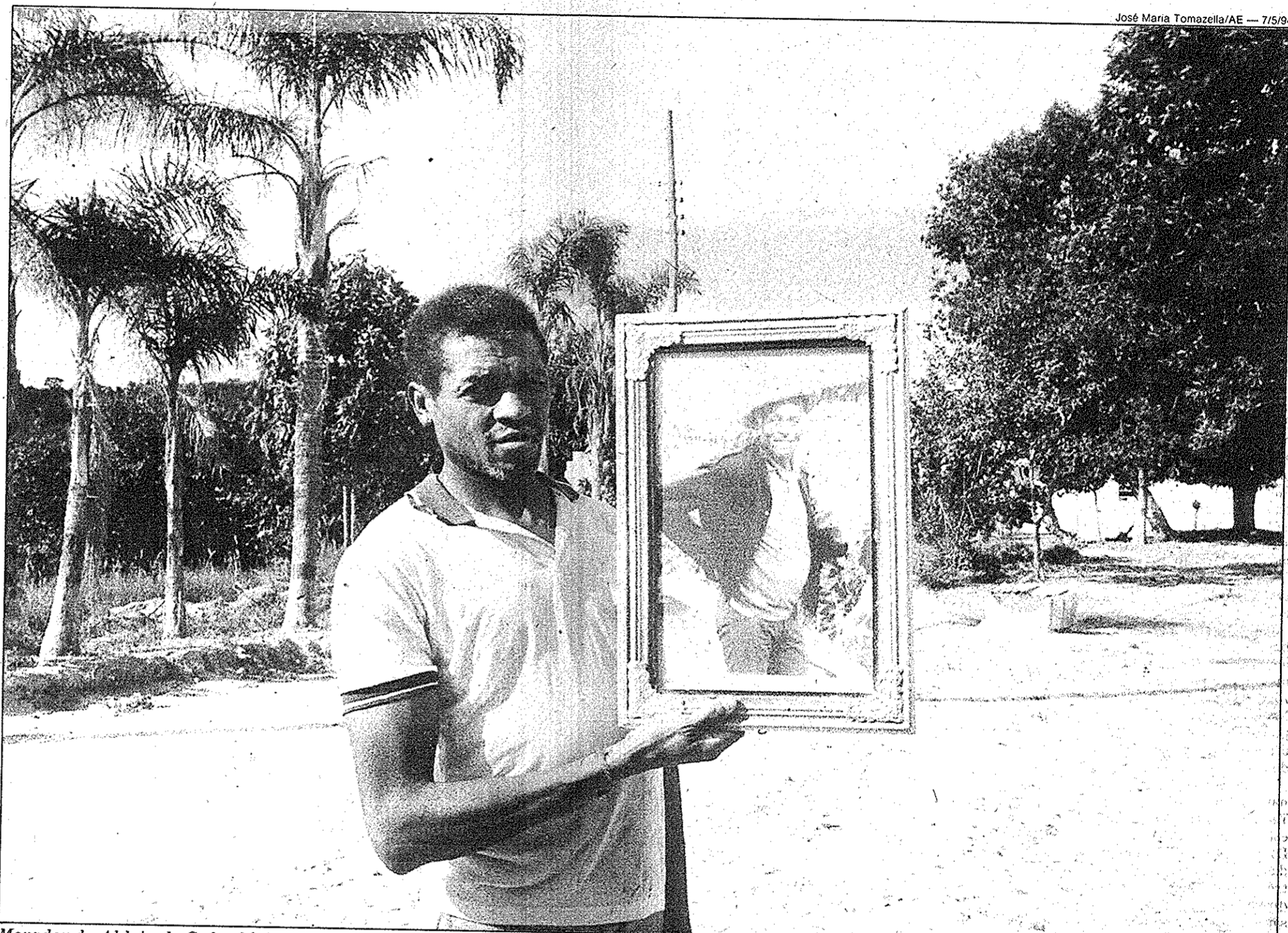
O artigo 68 das disposições transitórias da Constituição nunca foi aplicado. Os remanescentes de quilombos vivem conflitos de terra tão sérios, em alguns casos, quanto os índios e os sem-terra. O Quilombo do Rio das Rãs, localizado no município de Bom Jesus da Lapa (Bahia), é um desses casos. "Queremos fazer do Rio das Rãs o projeto-piloto do mapeamento e da titulação dos quilombos", diz Marcelo Gentil, vice-presidente da Fundação Palmares.

Segundo Gentil, a comissão interministerial que faz o censo dos quilombos pretende que pelo menos três remanescentes sejam titulados até o final deste ano. O grande problema, claro, é definir com precisão os que são de fato remanescentes e têm o legítimo direito à posse.

'Cucópia' — Lá pelos idos de 1872, o *Almanaque Laennert* do Rio de Janeiro divulgou com destaque o fato de o fazendeiro Antônio de Almeida Leite Pentead, criador da região de Sorocaba, ter alforriado os seus escravos Antônio e Iligênia e seus pais Joaquim Manoel de Oliveira "Congo" (nome do seu antigo senhor) e Ricarda, doando-lhes uma fazenda de 80 alqueires.

Aqueles 80 alqueires hoje são menos de 8, mas o bairro do Cafundó é, sem dúvida, a mais interessante comunidade de descendentes de escravos no Sul do país. Tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico de São Paulo (Condephaat) em 1990, mantém inclusive um vocabulário próprio, a 'cucópia'.

Trata-se de um resíduo lingüístico que reúne palavras do grupo banto, adaptadas à língua portuguesa. É um vocabulário reduzido, de pouco mais de 160 itens léxicos (nomes e substantivos, na maioria) e 15 verbos, 13 adjetivos e 2 advérbios — segundo a tese *O Léxico Africano no Cafundó*, que o lingüista Sílvio Vieira de Andrade Filho apresentou na USP no ano passado.



Morador da Aldeia de Cafundó, localizada a 160 quilômetros de São Paulo: interesse histórico pelos 8 alqueires tombados da chamada 'Terra dos Negros'.

A aldeia de Cafundó fica a 120 quilômetros de São Paulo e tem pouco mais de 60 habitantes. Na entrada, há uma placa com a inscrição "kafundo thure wimbundo", que significa que o visitante chegou à "Terra dos Negros".

O Cafundó é um dos mais célebres dos chamados "quilombos remanescentes" em São Paulo. Mas não é o único. Também não é o único local de interesse histórico para o Condephaat. No quilômetro 66 da rodovia Piaçaguera-Guarujá fica o Vale do Quilombo, área de 66,7 quilômetros quadrados. É tombado, assim como as ruínas do Engenho do Rio Quilombo, cheia de construção de pedras e taipa.

Em São José do Barreiro, o destaque é o Cemitério dos Escravos, cujas muralhas foram construídas por cativos. Em Eldorado, às margens do Rio Ribeira de Iguape, fica a Capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. É uma antiga irmandade construída por taapeiros e marceneiros pagos a peso de ouro pelos escravos. (Jotabê Medeiros)